

HAROLDO MARANHÃO E A FICCIONALIZAÇÃO DO CÂNONE NO ROMANCE BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Paulo Alberto da Silva Sales

Resumo: Este trabalho tem como escopo apresentar uma tendência da prosa brasileira contemporânea que estabelece laços com a tradição por meio da reescrita de obras, temas, estilos e dos próprios autores a fim de revisar e problematizar o cânone e a história. Parte, para isso, da leitura do romance *Memorial do fim – a morte de Machado de Assis*, de Haroldo Maranhão, que se apresenta, na contemporaneidade brasileira, como o melhor exemplo de romance que reescreve o cânone e a história de forma problematizada através do procedimento intertextual denominado pastiche, que é característico da estética pós-modernista.

Palavras-chave: Ficcionalização do cânone; Haroldo Maranhão; Pastiche

Introdução

A narrativa pós-modernista teve um crescimento significativo no Brasil nas décadas de 80 e 90, com o surgimento de romances que têm como principal traço em comum a reavaliação de estilos, obras e autores consagrados pelo cânone literário por meio da revisão dos fatos históricos, tal como regue os preceitos da *metaficção historiográfica* (HUTCHEON, 1991) e do *novo romance histórico* (AÍNSA, 1991). São romances que se valem abundantemente da intertextualidade, principalmente do *pastiche* que, segundo as implicações de Carlos Ceia (2009), Jacques Derrida (1967; 2005), Margaret Rose (1993) e de Jean Baudrillard (1991), visa dar novos sentidos à *écriture* que se produz através de construções textuais moldadas por jogos de linguagem que são bricolados ao corpo do texto, criando, assim, escrituras suplementares de caráter simulativo. Dentre eles, destacam-se o romance *Memorial do fim – a morte de Machado de Assis*, de Haroldo Maranhão.

Esmiuçando tal narrativa, percebe-se que a trama é elaboradas a partir da transferência do escritor, enquanto entidade empírica e histórica, para o universo ficcional. A narrativização da existência daquele, desse modo, é fruto de pesquisas em documentos em busca de poemas, contos, cartas, crônicas, bilhetes, manuscritos, elementos posteriormente adicionados nas estruturas das narrativas juntamente com a reescrita da “nova história” (BURKE, 1992) que, agora, no pós-modernismo, é entendida como discurso (FOUCAULT, 1996).

Dessa forma, ao ler romances que narrativizam a vida de determinados escritores, é necessário deter-se na seleção intencional de uma entidade empírica com o nome e identidade históricos. Inserir Machado de Assis em romances contemporâneos, por exemplo, é jogar com os limites da ficção, é perturbar a estrutura narrativa e ressaltar a estrutura textual que passa a ser, a partir de então, heteróclita e caleidoscópica. A inserção de um elemento extratextual no âmbito diegético e ficcional favorece a elaboração de um enunciado situado no *entre – lugar* dos gêneros, o que é, segundo as constatações de Silviano Santiago (2000), uma das características do romance pós-modernista brasileiro.

No âmago dessa hipermediação canônica, o que esse romance procura discutir intimamente baseia-se na tendência que

deixando de ser a origem presunçosa de todos os discursos do saber, o intelectual é a figura mais questionada pela prosa dos últimos anos. A questão das minorias passa tanto por uma necessária descentralização do poder quanto por uma contundente descentralização da fala do saber. O intelectual, tal qual se encontra nos melhores romances e memórias recentes, é aquele que, depois de saber o que sabe, deve saber o que seu saber recalca. A escrita é muitas vezes a ocasião para se articular uma lacuna no saber como o próprio saber, é a atenção dada a palavra do Outro. (SANTIAGO, 2002, p. 42)

Evidentemente, é necessário destacar aqui que esta tendência de ficcionalizar obra/autor proporciona à narrativa o caráter suplementar de algo que necessita de complemento no ato da leitura. Dessa forma, a escrita nesse romance seria o que Bosi (2002, p. 253) identificou como um produto de “aglutinação de subdiscursos” que, por sua vez, caberia à Retórica ou à História das Mentalidades classificarem.

1. Haroldo Maranhão e o processo de ficcionalização da literatura

Publicado em 1991, *Memorial do fim – a morte de Machado de Assis* foi um romance que se destacou na literatura brasileira contemporânea ou pós-modernista, uma vez que resgatou a figura enigmática de Machado de Assis nos momentos finais de sua vida. Aos derradeiros dias do escritor fluminense, são acoplados fatos empíricos que se passaram no ano de 1908, mais especificamente, entre os meses de abril a setembro. Personalidades históricas são inseridas no enredo, como por exemplo, José Veríssimo, Dr. Mário de Alencar, Joaquim Nabuco, Astrogildo Pereira, Barão do Rio Branco, Euclides da Cunha, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, além de pessoas que conviviam com Machado de Assis, como a criada Jovita

Maria de Araújo e Leonora, que ora se apresenta como Marcela ou Hylda, além de outras personagens que vão aparecendo no romance à medida que o romancista se despede da vida.

Não obstante, o enredo ainda absorve fragmentos da obra de Machado de Assis em forma de capítulos que são reorganizados e reavaliados na escritura caleidoscópica de Haroldo Maranhão. Há intervalos digressivos, comentários irônicos sobre a condição do moribundo, e construções paratextuais, metatextuais, transtextuais e hipertextuais nas quais se destacam a bricolagem de cartas, de páginas de diário, de panfletos publicitários e de diversos textos que resgatam a memória e aspectos pessoais de Machado. Por todas estas especificidades e outras tantas problemáticas que intrigam os leitores, que Haroldo Maranhão, principalmente no romance *Memorial do fim*, é considerado com o melhor exemplo de narrativa que promove ficcionalização da ficção e da história brasileira na contemporaneidade. Como o próprio Benedito Nunes – amigo e admirador da obra de Haroldo Maranhão – destacou nas orelhas do romance da primeira edição de 1991, o que se verá aqui é uma “conversa do papel para o papel”.

1.1. A reescrita da ficção e da história em *Memorial do fim*

Com base nos apontamentos de Aínsa (1991) que, por sua vez, baseou-se no modelo de romance histórico lukacsiano e o reconfigurou, tendo em vista as distinções apresentadas nos romances publicados nos últimos quarenta anos do século XX, criou-se, então, o termo novo romance histórico. Essa tipologia se distanciava do romance histórico scottiano por apresentar, dentre outras coisas, novas leituras da teoria, refutar as versões oficiais ditadas pela historiografia, além de apresentar novas especificidades, tais como a superposição de tempos que são criados em diversas modalidades expressivas, dentre elas, o pastiche.

No romance brasileiro contemporâneo, especificamente, a partir da década de 1970, tal como constatado por Antonio Roberto Esteves (2007, p. 114), pode-se notar um grande incremento na publicação de narrativas, em especial, romances, que trazem fatos e personagens históricos para o centro de suas ações. Embora a crítica tenha dedicado maior atenção às literaturas hispano-americanas, essa ocorrência também pode ser constatada de forma expressiva no romance brasileiro contemporâneo.

Memorial do fim, assim como todos os romances citados de antemão, apresenta uma nova abordagem dos fatos históricos que são amalgamados aos fragmentos costurados no

enredo. A mistura também inclui a presença de personalidades históricas que passam a dialogar com a ficção machadiana dentro da arena montada por Haroldo Maranhão. A presença desarticulada dessas entidades, ao abalar referências históricas e temporais na movimentação do romance, é confirmada através da afirmação do narrador do capítulo XXIV ao questionar: “Escrevi história? Não teria acertado em dizer opereta? Talvez ópera; não disse e não diria ópera bufa; cada qual dos bandos reputando-se a infusão paregórica da federação.” (MARANHÃO, 1991, p. 83)

O período histórico recriado é o início do século XX, ou melhor, o ano de 1908 marcado pela morte real de Machado. Mas essa retomada não impede que outros períodos históricos sejam resgatados e bricolados ao jogo textual, tal como rege os princípios do pastiche. O capítulo XV, “Um evento de 1876”, representa um momento distinto dos outros nos quais se apóia o enredo. A voz manipulada por “Mar(h)oldo” convida o leitor à constatação do evento:

Convido o leitor a retomar comigo ao ano de 1876; que lhe estará senão acompanhar-me, sujeitando-se à minha onipotência, que efetua guinadas finas e volteios movidos à ação do capricho? O autor manda; o leitor, se for bom, sujeita-se. Tirano? Quem fez a sensata indagação? Tirano. Não estaria aqui quem lhe negasse razão. Naquele ano, um negociante atilado inventou modas: bengalas para meninos! Ora, ora, bengalas para meninos! [...] São finas cousas. Então, que diabo de ideia meteu-se-lhe na cabeça, mais cabaça, do negociante de 1876? Ideias de canário sem ideias. [...] Meninos são flagelo; armados de bengalas, a catástrofe dos mundos siderais. (MARANHÃO, 1991, p. 57 – 58)

O episódio narrado, de maneira alguma, refere-se a feitos grandiosos ou feitos de grandes homens que o discurso histórico consagrou. A historiografia, ora, “já a perdi de vista e de lembrança,” (MARANHÃO, 1991, p. 57) até porque “os referenciais históricos, mero *décor*, necessariamente não são históricos.” (MARANHÃO, 1991, p. 185) Nessa perspectiva, o excerto, como todo o capítulo, refere-se à problematização do próprio fazer literário ao passo que chama a atenção do leitor para o fato que será narrado, já que não passará de uma mera eventualidade que poderia ter acontecido com qualquer pessoa daquela época e que não surtiu efeito algum, visto que

anos são foscos ou rutilantes, ditosos ou macambúzios, ou são um pouco de umas e outras cousas. O ano de 1876 deixou a memória de uma cidade bufa, ao se permitirem bengalas a fedelhos tibéricos, ensandecidos pelo junco de malinar e de

dar gozos ao diabo. Mais tarde se inventariam novas modas. Já então se consentiria o uso do especial ornato às mulheres. Mulheres! De bengalas! Adeus, pobre mundo! (MARANHÃO, 1991, p. 58)

Assim, a concomitância de personagens que transitam no enredo de *Memorial do fim* produz novos quadros que se apóiam em outros, devido os mecanismos de espelhamentos entre elas e da (não) distinção entre realidade e ficção. Personagens machadianas como D. Carmo, Fidélia, Marcela (Vanlogo), e as reais como Leonora (Hylda), D. Carolina, Jovita Maria de Araújo, Perpétua Penha Nolasco, dentre outras de menor importância no enredo, são peças fundamentais do “jogo de xadrez”, já que, na troca de nomes e de papéis, a movimentação que cada personagem executa é estratégica dentro dos princípios que regem o tabuleiro.

Além dessas personagens, o romance agrega, também, figuras históricas que entram em no palco armado por Maranhão e que, por seu turno, rompem com o pacto realista colocando em xeque a possibilidade de conhecimento de um objeto/referência exterior ao texto. (ESTEVEZ, 1998, p. 132) Em virtude disso, atos vão sendo encenados na medida em que o fim haroldiano reservado a Machado de Assis engloba os personagens/atores José Veríssimo, Mário de Alencar, Rio Branco, Euclides da Cunha, Raimundo Correia, Astrogildo Pereira, Joaquim Nabuco, Dr. Miguel Couto, Albuquerque, Lobo Neves, Graça Aranha, Dráuzio Barreto, Dr. Lúcio de Mendonça, e o próprio Machado de Assis, que responde por Conselheiro Ayres e Aguiar. A primeira cena/capítulo do romance nos traz a figura histórica de José Veríssimo, na qual o narrador/autor fez questão de destacar a íntima relação que esse manteve em vida com o Conselheiro Machado:

Boa tarde, professor.

José Veríssimo de Matos sobressaltou-se com a voz otimamente modulada, que o saudava do exterior do aposento. Tratava-se de singularíssima ocorrência na casa viúva de pessoas femininas. [...] Falavam baixo, ela mais do que ele, ela mais senhora da situação e da casa, ele num pinote decaído de amigo íntimo a visitante cerimonioso. (MARANHÃO, 1991, p. 12 – 13)

Na transcrição acima, percebe-se que o íntimo amigo de Machado fica receoso ao se deparar com a figura de Virgília que respondia por Fidélia. Marcari (2003, p. 106) também faz referência a esse mesmo trecho do romance e destaca a existência de uma jovem na vida do grande autor do século XIX e que se tornou matéria-prima para a criação de uma personagem-síntese do ideal feminino machadiano, reunindo a beleza, a elegância, a

inteligência e até certa dose de dissimulação feminina das personagens machadianas. Em nota de rodapé, Marcarí (2003, p. 106) cita uma entrevista cedida à Lúcia Miguel-Pereira por D. Sara Costa, sobrinha do escritor. Nessa entrevista, há a confirmação da existência de uma moça que, segundo a sobrinha, o tio conhecera nos últimos anos de sua vida, e que a apreciara muito. Afirmou, ainda, que a única coisa que sabia a respeito da jovem era que se chamava Rosalina e que Machado de Assis gostava de conversar com ela, uma vez que a conheceu numa sessão na Câmara dos Deputados.

Essa personagem-síntese Marcela/Fidélia/Virgília que se revelou nas cartas e no diário como Leonora, é, também, é um amálgama em forma de homenagem às personagens femininas machadianas que, uma vez sob a adoção de Haroldo Maranhão, foram reeducadas e revestidas de nova tonalidade, como se nota no seguinte trecho:

A mulher tinha os modos severos e esbeltos, o coque do cabelo justado com deliberação, a blusa bem vestida no corpo, notadamente agasalhada num xale deposto no colo não para aquecer mas para velar, no garbo outoniço dos quarenta. [...] A doçura vazava-lhe dos olhos claros. (MARANHÃO, 1991, p. 14)

Além da inserção do historiador José Veríssimo que, não por raros momentos, se depara com a metamorfoseada Marcela Vanlogo, há também a visita desconcertante de “um certo calvo” no enredo. A retomada histórica do personagem Barão do Rio Branco, ministro do Estado permanente durante a primeira República, é uma das poucas, se não, a única figura satirizada e execrada ao extremo pelo narrador, como perceptível:

Sob o gabinete de Ouro Preto, a calva hoje tão excelsa era antes uma calva baça que transitava não em carruagem mas nos *bonds*; e servia de chufas à meninada; [...] E não se despreze a hipótese de algum moleque, atizado por sujeito de baixa monta, ter-lhe chimpado uma chulipa com o nó dos dedos. [...] Cabeças descalvadas cativam e encorajam a faceia. (MARANHÃO, 1991, p. 140)

Esse procedimento, tipicamente paródico, também pode ser incorporado pelo jogo textual e imagético construído pelo pastiche. Há de se lembrar que a ironia é um dos vértices impulsionadores da constituição de qualquer jogo. Nesse pastiche de Haroldo Maranhão, há espaço para elogios, homenagens, críticas, censuras, depreciações, haja vista que “o cômputo (*lógos*) dos suplementos (ao pai-capital-bem-origem etc.), com o que vem além do um no

movimento próprio em que ele se ausenta e se torna invisível, solicita, assim, ser suprimido, com a diferença e a diacriticidade.” (DERRIDA, 2005, p. 28)

Por outro lado, a presentificação da figura de Lobo Neves, personagem da ficção machadiana, a saber, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, manifesta-se em um sonho que o escritor/moribundo tivera. O pensamento onírico também traz novas informações que são amarradas à imensa rede haroldiana:

O autor escusa-se de omitir a palestra que entretiveram Lobo Neves e o Sr. Machadinho; porque, dando como a porta do gabinete cerrada, não ousaria transpô-la por um dos fáceis arranjos que sabem empregar os autores. Foi importante o que se disseram? Não foi? Trataram da organização do gabinete João Alfredo? (MARANHÃO, 1991, p. 48)

Aqui, o narrador mar(h)oldiano, sustenta indagações e ambiguidades ao criar a expectativa de um instante de diálogo entre o criador e a criatura. Mas a voz instala outra informação, inesperada, que frustra o leitor. Além das menções de personalidades históricas e ficcionais, há recriações bem mais inusitadas no corpo do romance, principalmente quando se referem ao Conselheiro Machado. As vozes narrativas instalam, paulatinamente, diversas formas de representar a carnavalização da morte do autor carioca por intermédio de cenas com tons bem humorados. O “vice-morto”, “mortíssimo”, “subvivo”, é retratado de forma sarcástica e pessimista, ou na própria visão do narrador, os “moribundos fatigam-se da gente que se veste de compungida e que rouba o ar bom do aposento, para expelir um mau. Morrem, sempre mais um passo, dos murmúrios exasperantes e da expectativa agourenta.” (MARANHÃO, 1991, p. 107)

Assim, *Memorial do fim* como a maioria das narrativas pós-modernistas, tenta manter a auto-reflexão distinta do contexto histórico abrigando personalidades desprovidas de versões unívocas ao passo que convivem com entidades ficcionais. Nesses limites quase invisíveis, essas personagens se autorrecriam em diversos momentos disfarçadas de personagens do universo ficcional, o que alimenta o caráter metaficcional do romance. Há de se destacar, também, que a diegese, ao abarcar personalidades históricas brasileiras, desestrutura os alicerces dos discursos oficiais a partir da perspectiva das escritas da nova história (BURKE, 1992) no universo literário a partir dos mecanismos da metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991) e do novo romance histórico (AÍNSA, 1991). Nesse sentido, a revisão da história é feita através da retomada de um período histórico longínquo, a

saber, do início do século XIX, e de períodos históricos que, de alguma maneira, se ligam a ele.

Conclusão

O romance de Haroldo Maranhão reconstituiu-se no que poderia ter sido o último memorial machadiano. O memorial da vida, o memorial da ficção, ou melhor, o memorial das duas coisas ao mesmo tempo. Os feitos de Machado de Assis, embora sejam eternos, mereciam, no pós-modernismo brasileiro, uma homenagem à altura do homenageado. Poderão ser criados outros memoriais, outras reescritas da ficção e da história. O *epos* é infinito. O pastiche, com seu poder ilimitado de criação, em mãos de outro prosador, poderá reavaliar o cânone e a tradição na observância de outros aspectos que Haroldo Maranhão não sublinhou. Com tudo isso, chega-se à feliz declaração feita certa vez por Márcio Souza, segundo o qual, “com Machado de Assis se vive mil vezes”. (MARANHÃO, 1991)

Por fim, com a criação de romances em forma de memoriais que ficcionalizam o cânone e a história na contemporaneidade, a literatura, num gesto revisionista, procura repensar sobre seu próprio fazer e, com isso, promove reflexão em torno de si mesma. Nesse sentido, diferentemente de produções de cunho hipermimético (BOSI, 2002) que se baseia na reprodução quase fiel da realidade contemporânea, por mais espinhosa que seja, não possibilita repensar e fazer um balanço da tradição literária brasileira. Com a “ressurreição” de Machado de Assis, a ficção se autorrecria e se repete como um mito. Repetição não da cópia, mas como nos ensinou Derrida (2005, p. 18), do suplemento da escritura. Notar-se-á, sobretudo, que o “repetir sem saber” conduz à determinação de seu estatuto. Começa-se por repetir sem saber – por um mito – a definição de escritura: repetir sem saber. Cria-se, dessa forma, artefatos originais no pós-modernismo brasileiro.

Referências

- AÍNSA, Fernando. La nueva novela histórica latinoamericana. Mexico: *Plural*, 240, p. 82 – 85, 1991.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Tradução Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

- BOSI, Alfredo. Os estudos literários na era dos extremos. In: _____. *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p. 248 – 256.
- BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992, p. 7 – 38.
- CEIA, Carlos. Pastiche. In: _____. *E – dicionário de termos literários*. Acesso em 18/abr/2009. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/P/pastiche.htm>
- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Tradução Rogério da Costa. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- ESTEVES, Antonio. O novo romance histórico brasileiro. In.: ANTUNES, Letizia. (org.). *Estudos de literatura e lingüística*. São Paulo: Editora Arte e Ciência/Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, 1998, p. 123 – 158.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 13. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- MARANHÃO, Haroldo. *Memorial do fim a morte de Machado de Assis*. São Paulo: Marco Zero, 1991.
- MARCARI, Maria de Fátima. *Memorial do fim: a modernidade Machadiana na pós-modernidade de Haroldo Maranhão*. Assis: Faculdade de Ciências e Letras de Assis/Universidade Estadual Paulista, 2003. (Dissertação de Mestrado)
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002
- _____. O entre - lugar do discurso latino-americano. In.: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9 – 26.
- ROSE, Margaret. *Parody: ancient, modern, and post-modern*. New York: Cambridge University Press, 1993.

